

SIMPÓSIO AT157

RELAÇÕES INTERCULTURAIS: ALUNOS INDÍGENAS E PROFESSORES NÃO INDÍGENAS DA ETNIA XAVANTE EM ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS EM BARRADO GARÇAS/MT

SANTOS, Mônica Maria dos
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
monicamagnificamv@gmail.com

GUEDES, Silvana Francisco
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
silvanafguedes_adm@yahoo.com.br

VARJÃO, Pollyana Machado de Moraes
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
pollymmoraes@hotmail.com

Resumo: Interculturalidade é a palavra que norteia o trabalho dos pesquisadores e bolsistas do projeto de pesquisa: A Migração Rural/ Urbana dos Jovens Indígenas da Etnia Xavante: uma questão de sobrevivência. Lutamos num esforço concentrado pela união de todos, com foco na nova fase que desponta no cenário das escolas públicas urbanas: a presença do aluno indígena da etnia Xavante. Como todo cidadão brasileiro, os alunos indígenas, têm acompanhado a modernização e, dessa forma, estão deixando suas aldeias a fim de que possam ampliar seus horizontes em espaços urbanos. Dentre esses e outros aspectos, a presença dos alunos indígenas acarreta não só a questão do ensino/aprendizagem da língua institucionalizada, mas, sobretudo, as atitudes e o comportamento de todo o coletivo escolar em relação ao novo, ao diferente, principalmente, no que se refere aos aspectos linguísticos e culturais. Diante deste cenário objetivamos com essa pesquisa discutir a postura intercultural e reflexiva sobre os papéis de professores de alunos indígenas, na difícil tarefa de mediadores culturais. São décadas de trabalho em defesa dos jovens indígenas da etnia xavante, em espaços públicos urbanos, pautados pela ética e eficiência de pesquisadores que se uniram em prol de uma história marcada por enfrentamentos e conquistas apoiando suas lutas, reconhecendo e valorizando seus falares, os modos de ser e, principalmente, suas crenças. Dessa forma, o respeito a essas individualidades nos ajuda a mudar o retrato desses alunos em escolas públicas urbanas de Barra do Garças/MT. Utilizamos a pesquisa etnográfica, de cunho qualitativo, pois procuramos interpretar o que está ocorrendo no contexto pesquisado.

Palavras-Chave: Alunos Indígenas; Espaços Urbanos; Interculturalidade.

Abstract: Interculturality is the word that guides the work of researchers and fellows of the research project: Rural / Urban Migration of the Indigenous Young People of the Xavante Ethnicity: a question of survival. We are fighting in a concerted effort to unite

all, focusing on the new phase that emerges in the scenario of urban public schools: the presence of the indigenous student of the Xavante ethnic group. Like all Brazilian citizens, the indigenous students have been following modernization and, thus, are leaving their villages in order to expand their horizons in urban spaces. Among these and other aspects, the presence of indigenous students brings not only the question of teaching / learning of the institutionalized language, but above all the attitudes and behavior of the whole school collective in relation to the new, the different, mainly, in what linguistic and cultural aspects. In view of this scenario we aim with this research to know how to establish the relationship between indigenous students and non-indigenous teachers in public spaces in schools. There are decades of work in defense of Xavante indigenous youths in urban public spaces, guided by the ethics and efficiency of researchers who have joined together in favor of a history marked by confrontations and achievements supporting their struggles, recognizing and valuing their speeches, modes of being, and especially their beliefs. Like this, respect for these individualities helps us to change the portrait of these students in urban public schools in Barra do Garças / MT. We use ethnographic research, of qualitative character, because we try to interpret what is occurring in the researched context.

Keywords: Indigenous Students; Urban Spaces; Interculturality.

Introdução

Atualmente é impossível entender o funcionamento de determinados grupos sem considerar a interculturalidade e as inovações tecnológicas. Mais do que nunca, o entendimento dessas duas dimensões torna-se vital para a compreensão do elevado crescimento da população indígena nos espaços públicos urbanos e a dinâmica das sociedades contemporâneas.

Os processos de globalização trazem inúmeros desafios relacionados não só com as inovações tecnológicas, mas também, abrem oportunidades para milhões de jovens que buscam a ampliação de seus conhecimentos através do acesso à educação, no entanto, ainda sofrem as consequências de mais de quinhentos anos de política colonialista. E mais, a escola, como instituição da sociedade, ainda conserva muitos valores daquela época.

Conforme relato de Melatti,

A presença de seres humanos no continente que havia acabado de descobrir, a América, suscitou desde logo nos europeus uma questão de ordem intelectual e prática: o problema da origem dos ameríndios. Era de ordem intelectual porque a existência dos indígenas americanos desafiava os europeus a encontrar para eles um lugar no seu sistema

tradicional de explicação do mundo. Era de ordem prática porque, caso se mostrasse terem os índios uma origem independente de qualquer contato com o velho mundo, isso equivaleria a defini-los como não-homens, por não serem descendentes de Adão. [...]. Se fossem, pois, definidos como não-homens, os europeus se permitiriam submeter os índios a todo tipo de exploração. (MELATTI, 1993, p. 5)

Para o desdobramento da pesquisa elegemos, inicialmente, a discussão sobre algumas propostas relacionadas à temática dos direitos indígenas no contexto de interculturalidade, o que nos permitiu uma leitura dos estudos, representados pelos trabalhos de Melatti (1993), Silva (1998), LDB (2017), Magalhães, Santos, Magalhães Neto (2018), França (2010) entre outros.

1. Estudantes indígenas Xavante e os espaços de aprendizagem urbanos

A profunda indiferença de como são tratados os alunos indígenas em espaços de aprendizagem urbanos perpassa todos os tecidos sociais, neste contexto, os professores não indígenas como agentes comprometidos com o processo democrático, precisam ampliar a abrangência de suas ações educativas de modo a contribuir com o processo de inserção dos estudantes indígenas Xavante.

A escola é o lugar em que se observa a maior incidência de questões que avaliam o outro como diferente e são nessas situações cotidianas que perpetuam os comportamentos discriminatórios. (MAGALHÃES, SANTOS e MAGALHÃES NETO, 2018, p. 267)

Com projeto de pesquisa “A Migração Rural/ Urbana dos Jovens Indígenas da Etnia Xavante: uma questão de sobrevivência” buscamos não apenas refletir sobre a inclusão dos alunos indígenas na sociedade com tantas desigualdades, mas, sobretudo, pensar na construção de uma mentalidade a respeito desses alunos, alicerçada na igualdade política, econômica e social.

Mantemos o princípio da função educativa que busca a construção de uma cultura baseada na solidariedade entre os povos indígenas e não

indígenas, povos e nações que muitas vezes se opõem em determinados aspectos culturais, mas que, se completam, sobretudo, como seres humanos.

A cultura foi e é um elemento essencial e constituidor do ser humano. Não é possível entender o significado de uma ação se não analisarmos o contexto em que ela se dá, de que modo e em que espaço ela se configura. Mudanças de contexto ou de localização da ação mudam seu significado [...] (FRANÇA, 2010, p. 44)

Há uma enorme variação cultural, histórica e intercultural para o estabelecimento da inclusão daquilo que é considerado diferente em nossa sociedade, no entanto, a presença do índio em espaços urbanos ainda continua sendo um desafio, pois além de atitudes impensadas, põe por terra todas e quaisquer chances de fazer cumprir as normas constitucionais.

Muitas vezes, o que é determinado no texto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 que, em seu art. 32 (BRASIL, 2017), assegura aos povos indígenas o direito à língua materna e aos processos próprios de aprendizagem, é ignorado por grande parte dos educadores.

O contexto atual exige que aprendamos a trabalhar com atividades de forma transversal onde a autonomia, a criatividade e a cooperação sejam estimuladas como partes essenciais da formação das presentes e futuras gerações, tanto indígenas como não indígenas.

As constantes mudanças ocorridas no mundo do trabalho, no contexto escolar, no âmbito das ciências e no conjunto das sociedades contemporâneas exigem que campos interdisciplinares consolidados se reúnam para uma maior cooperação, no sentido de proporcionar articulação coerente com as novas tecnologias, os novos conceitos, novos sujeitos, métodos e processos para encaminhar e dar resposta a problemas que atingem as comunidades indígenas cada vez mais presentes nas escolas públicas urbanas.

É preciso um olhar mais atento para as formações iniciais e continuadas de educadores de modo a garantir que estas contemplem com mais afinco as questões pautadas na educação intercultural, em especial, quando se trata de espaços de aprendizagem com diversidade de povo. Consideramos que essa

postura é essencial para que o ensino e a aprendizagem dos alunos indígenas, em escolas públicas urbanas, seja mais significativos e menos preconceituoso.

Considerações finais

A crescente onda de migração de indígenas, de suas aldeias para os espaços urbanos, tem provocado uma série de equívocos tanto para a sociedade não indígena, como para os próprios povos indígenas.

Há um total desprezo pelos direitos indígenas e suas garantias asseguradas pela Constituição, muitas vezes, são ignoradas. Verifica-se que tais questões só têm importância quando esses direitos beneficiam os interesses da sociedade envolvente, principalmente, das políticas partidárias.

As atividades realizadas no âmbito do projeto de pesquisa: A Migração rural/urbana dos jovens indígenas da etnia Xavante: uma questão de sobrevivência, apontam o espaço escolar como lugar privilegiado para as discussões interculturais, no entanto é, ainda um lugar que apresenta enorme resistência com relação ao novo e ao diferente.

Referências

BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FRANÇA, Cecília de Campos. O outro e eu: que relação é essa na escola?. In: PASSOS, Luiz Augusto. GRANDO, Beleni Salete. **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história dos povos indígenas na escola.** Cuiabá. UFMT, 2010.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil.** 7.^a ed.. São Paulo. HUCITEC (Brasília): Editora da Universidade de Brasília, 1993.

MAGALHÃES, Marly Augusta Lopes de. SANTOS, Mônica Maria dos. MAGALHÃES NETO, Aníbal Monteiro de. Convivendo com a diversidade: a inclusão do aluno indígena da etnia Xavante em escolas públicas urbanas de Barra do Garças/MT. *IN:* OLIVEIRA, Rosimar R. Rodrigues de. OLIVEIRA, Sheila Elias de. RODRIGUES, Marlon Leal. KARIM, Taisir Mahmudo. **Linguagens e significação: sujeitos indígenas.** Campinas. Pontes Editores, 2018.